



OBJETOS DE DESEJO → OBJETOS GEOMÉTRICOS: RELAÇÕES POSSÍVEIS EM *O SOL QUE A CHUVA APAGOU*

Micaela Sá da Silveira

(UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – micaelauepb@hotmail.com.)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma interface entre as áreas de Literatura e Geometria Euclidiana Plana, a partir da análise das relações entre as personagens da obra *O sol que a chuva apagou* (2009), de Álex Leilla. Tal relação é possível tendo em vista que as personagens da obra em tela apresentam relações fluidas, em trânsito, que não seguem os padrões estabelecidos socialmente. Teoricamente trabalhamos com os conceitos discutidos por Dolce e Pompeo (2005), Kothe (2000), Veloso (1998), dentre outros autores que apresentam contribuições para que possamos estabelecer relação entre as áreas acima mencionadas.

Palavras-chave: Geometria, Literatura, Espiral.

INTRODUÇÃO

Pensar as relações afetivas que estão representadas na literatura tem sido um trabalho cada vez mais delicado, tendo em vista que alguns autores têm “presentificado” na literatura as relações conforme observamos na sociedade: despreocupadas com as nomenclaturas, apenas vivenciadas. Observar tais representações tem exigido, assim, problematizar as vias de acesso e um questionamento: como adentrar nesse universo? Essas inquietações surgem diante das leituras de obras como as de Álex Leilla, especificamente em *O sol que a chuva apagou* (2009), que traz personagens que se relacionam com mais de um parceiro ou parceira, formando, assim, o que se convencionou chamar tradicionalmente, a uma primeira vista, de triângulo amoroso.

Este envolvimento afetivo e/ou sexual entre três pessoas pode se configurar de várias

formas, dependendo de quais sejam os sujeitos da relação. Tal envolvimento é frequentemente representado nas produções literárias, de um modo geral. No entanto, essas figuras geométricas tradicionais muitas vezes não metaforizam verdadeiramente as relações apresentadas e isso fica evidenciado na análise de Kothe (2000) sobre as relações em *Dom Casmurro* ao afirmar a recorrência dessa figura: “Sem que isso seja algo original, os ‘grandes romances machadianos’ são construídos à base de triângulos amorosos”.

Neste sentido, observando tais formas, objetivamos analisar o texto leilleano partindo de uma interface entre literatura e geometria, apresentando uma articulação entre desenhos das relações e os conceitos baseados na geometria euclidiana plana. Tal articulação torna-se possível levando em consideração que desde os primeiros registros literários, temos a presença de um terceiro elemento nas



relações afetivas e/ou sexuais, configurando o que se costuma nomear de “triângulo amoroso”. Tal figura, na maioria das vezes, não se aplica às relações representadas e para comprovar tal assertiva, trazemos os conceitos na matemática e na literatura para que possamos estabelecer relação entre as áreas acima mencionadas.

A(S) METÁFORA(S) DOS OBJETOS GEOMÉTRICOS EM LEILLA

O sol que a chuva apagou (2009) traz um narrador-personagem relata a experiência de sua antiga relação que acabara devido ao falecimento de Ian, seu então namorado. Esse é o grande *leitmotiv* para o desenvolvimento de toda a narrativa. O texto inicia com uma reflexão de Thiago sobre a morte, justificada por sua perda recente, além de apresentar a relação de estranhamento entre ele e alguns integrantes da banda Vapor Barato.

É conversando sobre esta partida que Thiago começa a se sentir atraído por Felipe, o cantor da banda. Este, ainda no começo do texto, questiona se Thiago sofreu muito com a perda de Ian, se o esqueceu e se já está resignado. Diante de tais questionamentos e de outras posturas, Thiago vai percebendo certo interesse de Felipe para com ele e começa a notar a presença do rapaz, que frequentemente é perseguido, após os shows, por um bando de garotas enlouquecidas. “Notar a presença” de Felipe é despertar para

ele e descobrir-se novamente se envolvendo, mesmo sabendo que o objeto de seus desejos é cobiçado por várias meninas e que ele retribui.

Diante do envolvimento dos rapazes, ainda que de modo indireto, podemos pensar num primeiro objeto geométrico para materializar o elo entre as personagens Ian, Thiago e Felipe, pois mesmo o namorado de Thiago tendo falecido, ele ainda se configura como uma presença constante, que desestabiliza a possível relação entre os dois. O fato de Thiago estar completamente ligado a Ian e sentir-se atraído por Felipe já nos faz enxergar uma relação tríade – a configuração de um triângulo – por uma questão quantitativa, pois temos a presença de três personagens que se envolvem de alguma forma, e esta relação vai sendo comprovada e ampliada com o decorrer da narrativa.

Nessa narrativa, há um constante intercalar nas lembranças de Thiago entre os momentos que vivenciou com Ian e o momento presente de atividade na banda, fazendo da sua narrativa um misto de presente e passado que, em termos geométricos, nos possibilita pensar em dimensões: a dimensão de observação do presente difere da dimensão de quem está no tempo passado. Dos componentes de Vapor Barato, o que se faz mais presente na sua vida é Felipe, como citamos, que faz questão de mostrar o seu



interesse em saber como está a vida do amigo e ressaltar a importância dele na banda, afirmando que tal presença “trouxe a sorte de volta” e que Thiago “agora é nosso talismã” (LEILLA, 2009, p. 10). Esse interesse constante é o que desperta, como dissemos, o olhar de Thiago, de tal modo que ele se pega cantando um trecho da canção *Giz*, que é bem explícita nesse sentido: “*Lá vem, lá vem, lá vem de novo/acho que estou gostando de alguém*” (Idem).

A esperança e o constante lembrar são frequentes na canção de Russo e no discurso do protagonista da obra de Leilla e, por isso, justifica o fato da utilização do trecho da canção para apresentar o seu despertar para Felipe: “*Lá vem de novo*” o sentimento que ele não esperava sentir. O gostar não estava em seus planos naquele momento, pois mesmo depois de anos da morte de seu companheiro, o narrador ainda estava imbuído de lembranças e, pelo discurso apresentado no decorrer da narrativa, era Ian que ele não esquecia.

O que é dito por Thiago vai deixar claro que ele ainda estava preso a Ian, de tal forma que era difícil crer que se sentia atraído por outra pessoa, e afirma: “Canto, sozinho, mas sem querer acreditar, com medo de reconhecer que aquela dor imensa, aquela dor insuportável de te ver morto está cedendo,

está me deixando respirar outra vez” (LEILLA, 2009, p. 10).

Entender a forma como esse relacionamento é construído se faz pertinente, para percebermos as metáforas de objetos geométricos que surgem desta relação. Até esse momento do texto evidencia-se que Thiago está se apaixonando por Felipe, mas ainda preso ao fantasma do sentimento que tem por Ian: uma mistura de amor, sentimento de perda e remorso – por conta da morte e pela culpa de estar gostando de outra pessoa. Muitas passagens do texto deixam isso claro, por exemplo, quando um dos ensaios da banda termina e ele confessa a si mesmo: “começo a sentir uma situação-limite: estou *realmente* gostando de alguém. Muito, muito tesão. Mas não apenas sexo, é aquele querer raro, que há muito eu não me via capaz de sentir por outro homem” (LEILLA, 2009, p. 14).

Um aspecto que vai permear todo o texto é a forma com a qual esse “querer raro” de Thiago é alimentado pelas atitudes de Felipe: constantes questionamentos acerca da vida de Thiago; o cuidado, desde carregar a mochila dele para poupar-lhe o peso, até saber se ele dormiu bem ou o que deseja comer de café da manhã; inquietar-se com o fato dele ter saído à noite; indagar quais as companhias e quais os lugares em que ele esteve, por exemplo. Essas atitudes vão, de certo modo,



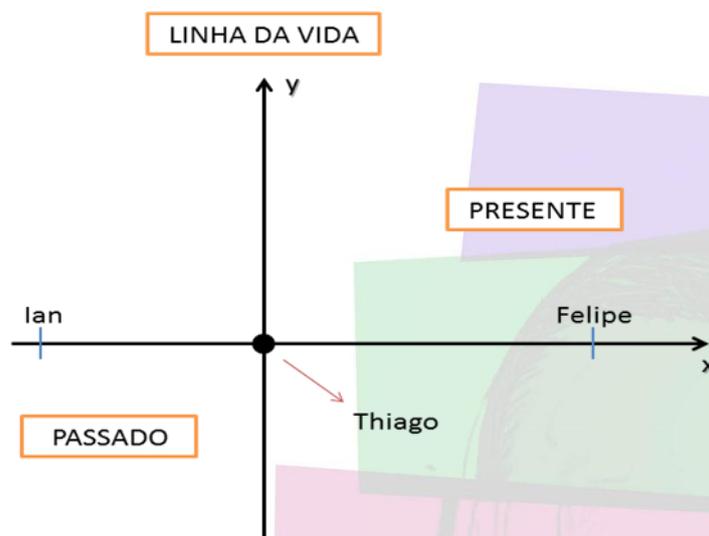
inquietar Thiago, que divaga ao notar que está se envolvendo neste sentimento:

Enquanto ando ouço a voz dele cantando coisas obscuras, em inglês, espanhol, italiano, português. Porém, agora já não estou feliz por me saber gostando de novo, estou, na verdade, preocupado. Não vai dar em nada, sabemos, o cara é hetero e canta na mesma banda da qual achei de fazer parte. Melhor esquecê-lo. Deve haver uma forma de esquecer a paixão antes de se perder de vez em sua rede tola e sem sentido (LEILLA, 2009, p. 18).

Neste momento, o que se evidencia é a preocupação de Thiago por não ver a possibilidade de concretizar nada com Felipe, deixando claro que o fato dele ser hetero é um grande empecilho. Ao ver Felipe em sua casa, logo transforma em palavras esse sentir “Não controlo: o cheiro da colônia pós-barba dele me invade. Não domino: meu pau ameaça dar vexame. Não evito: o desejo me faz apertar a sua cintura também” (LEILLA, 2009, p. 19 - 20).

Temos evidenciado no texto a relação de envolvimento entre Thiago e Felipe. Além disso, temos a presença de Ian que, no tempo da narrativa, está no plano da memória, logo fora do tempo presente, mas se faz presente na narrativa. Antes de materializar geometricamente a relação tríade ou

triangular, apresentamos um primeiro desestabilizar dessa figura, tendo em vista os planos ocupados pelas personagens. Vejamos graficamente:



Representação das relações de Thiago no plano cartesiano.

Temos na figura acima a representação das relações que Thiago estabelece e que são relevantes para a compreensão da narrativa. Nomeamos o eixo Y como sendo a linha de vida de Thiago e o eixo X indica os relacionamentos do protagonista que, por sua vez, são representados pelo ponto de encontro entre os eixos X e Y. Entendemos que Ian, por estar no passado, entra na parte negativa do eixo X, tendo em vista que sua relação com Thiago não existe mais e Felipe está localizado no eixo positivo por ser a relação presente. Não estamos com isso desconsiderando a presença de Ian, de forma alguma, mas se pensarmos em termos de influência, ou mesmo ligação, esta não se



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estabelece entre Felipe e Ian. Na verdade, Felipe pouco se importa com Ian, o que ele deixa claro é a preocupação que tem para com o restabelecer de Thiago para a vida e para sua presença, evidentemente.

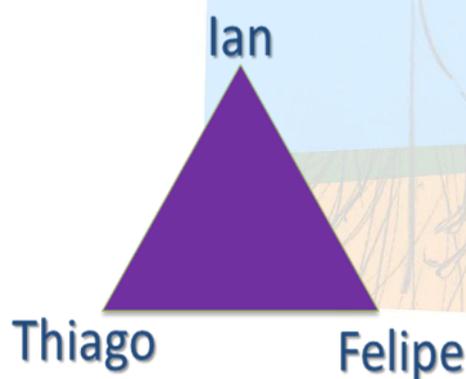
Propor essa forma de pensar como uma alternativa de visualização da relação entre os três personagens pode, de certa forma, desestabilizar a figura do triângulo enquanto metáfora perfeita para uma relação a três pelo simples fato de, quantitativamente, percebermos a presença do terceiro elemento. No entanto, pensemos as possibilidades de conexões triangulares para ampliar os modos de visualização das relações.

Vejamos como a narrativa materializa o triângulo amoroso: temos Thiago, Ian e Felipe. Thiago está ainda de luto pela morte de seu namorado Ian, com quem viveu durante anos na Inglaterra, e, mesmo depois dessa morte, ainda não estava desligado de seu “grande amor”, como o chamava. Além desses dois, temos Felipe. Notadamente temos um tripé que pode ser pensado, inicialmente, de duas formas triangulares diferentes, ao tomarmos como base os conceitos matemáticos que definem a figura geométrica mencionada. De acordo com Dolce e Pompeo, temos que:

Dados três pontos A, B e C não colineares, à reunião dos segmentos *AB*, *AC* e *BC* chama-se triângulo *ABC*. (...) Quanto aos lados, os triângulos

classificam-se em: *equiláteros* se, e somente se, têm os três lados congruentes; *isósceles* se, e somente se, têm dois lados congruentes; *escalenos* se, e somente se, dois quaisquer lados não são congruentes (DOLCE E POMPEO, 2006, p.36 - 37).

Uma primeira forma de pensar essa relação triangular afetiva que envolve Ian/Thiago/Felipe, seria metaforizando-a em *triângulo equilátero*, se lembrarmos que nessa relação estão envolvidos três homens – sujeitos de corpos masculinos que buscam a efetivação do desejo. São três sujeitos que estabelecem uma relação de procura e de entrelaçamento, mesmo que um deles se faça presente apenas no plano das lembranças e pensamentos, ainda assim é um lado congruente com os demais. Vejamos abaixo:



Triângulo *equilátero* – Possível representação geométrica da relação entre Thiago, Felipe e Ian.

Ainda poderíamos nomear essa relação como *triângulo escaleno*, se considerarmos os lados que formam tal figura

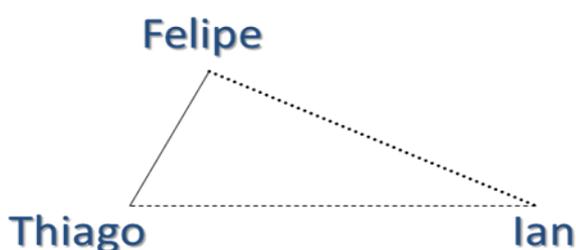


XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

como sendo não congruentes, ou seja, por se tratar de personagens que não estão no mesmo contexto: dois gays e um heterossexual. Como apresenta o discurso e as ações de Felipe, ainda que sua performance aponte para outro eixo. Essa relação metafórica poderia ser suficiente, se a narrativa de Álex Leilla encerrasse por aqui. No entanto, este é apenas o início e, no decorrer do texto, vamos percebendo que outras ligações serão feitas, refazendo-se em outras formas a estrutura triangular.

A figura que segue é a representação geométrica desta relação que liga Thiago a Felipe, além de ligar Thiago a Ian. Utilizamos a ligação de forma tracejada para demarcar que a relação entre essas duas personagens é estabelecida via lembrança, da mesma forma que a ligação entre Ian e Felipe acontece devido ao fato de Thiago trazer sempre as lembranças do seu ex-namorado. Graficamente temos o seguinte:



Triângulo *escaleno* – Segunda possibilidade para a representação geométrica de relação entre Thiago, Felipe e Ian.

Um aspecto que pode desestabilizar a estrutura triangular, *equilátero* ou *escaleno*, é o fato de Felipe relacionar-se com mulheres ao mesmo tempo em que apresenta um interesse efetivo por Thiago. Ora, há uma ramificação nesse vértice e isto é mais desestruturante ainda, se pensarmos que o triângulo era apenas constituído por homens. Poderíamos relevar essa ramificação, tendo em vista que o namoro de Felipe não é estável – acaba porque sua namorada o trai com o outro integrante da banda – além das várias fãs com quem ele se relaciona ao fim dos shows.

No entanto, a presença da mulher não está marcada apenas com a presença dessas figurações de feminino, tendo em vista que ao encaminhar para o desfecho do texto, quando finalmente Felipe confessa o que sente por Thiago, eles transam e um fato nos é apresentando: a imagem que Thiago vê no lustre, naquele momento, é o rosto de uma menina:

Todo retalhado. A gente pode descer a qualquer hora pra pular amarelinha. Sim. Se você tem giz de cera, e desenha as casas certinhas, nem a chuva, garantiu Maria Alice, nem a chuva apaga depois. Pode crer. Alguém pôs Legião Urbana num alto-falante. Quem são esses caras perturbando a vizinhança?, gritou uma voz masculina, nervosa (LEILLA, 2009, p. 45-46).



Essa presença feminina é algo inesperado por acontecer exatamente no momento em que ele consegue ter o homem alvo de seus desejos: Felipe. Entretanto, se observarmos com acuidade a novela de Leilla, notamos que a menina aparece em outras passagens, porém tal presença é interpretada como construtora de sentido apenas ao término do texto. A menina que é lembrada nesse momento, Maria Alice, foi uma amiga de infância de Thiago com quem ele brincava durante as tardes.

Um ponto interessante de se observar é que as lembranças nas quais Maria Alice aparece estão atreladas aos momentos em que Thiago fala de suas expectativas com relação a Felipe, ou até mesmo nesta referência quando, em pleno ato sexual com Felipe, ele pensa:

Não sei quantas vezes por dia Maria Alice me perguntava se eu gostava dela, se a gente era mesmo amigo. Rosa. Intenso. Cheio de nervos. Perfeito. Ia começar a cachoeira. Eu gosto de menino, disse-lhe certa vez. Não tem importância, ela respondeu. De entrar de boca aberta dentro dela, da cachoeira que, de repente, ficou tão forte (LEILLA, 2009, p.47).

Essa passagem é representativa para entendermos as ramificações e o ampliar

dessas relações. O que temos explicitamente, nessa passagem, é a desconstrução das categorias que seguem a norma padrão: heterossexual e homossexual. Ora, Maria Alice sabia das relações de Thiago, mas para ela não havia nenhum problema, o que ela queria era estar com ele. Concomitantemente, temos o protagonista que tinha receio dos sentimentos de Felipe, por ele relacionar-se com mulheres, mas que também tem um histórico de relações com meninas.

Entendamos: as relações estavam postas primariamente entre Ian/Thiago/Felipe. Este último tinha uma namorada e mantinha relações com outras meninas. Até esse momento, poderíamos representar as relações a partir da figura de um quadrilátero, desconsiderando as outras mulheres, a namorada e as fãs com as quais ele se relacionava. Vale salientarmos que estamos levando em consideração, para essa representação quadrilateral, o aspecto quantitativo de personagens envolvidos e não se os mesmos possuem alguma ligação de fato. Estamos tomando o todo para tal metáforização, propondo uma ruptura no tempo e espaço, tendo em vista que o passado interfere no presente a todo o momento, pois não há como desligar-se das experiências vivenciadas pelos sujeitos.

Para compreender a figura mencionada, tomemos como base o que

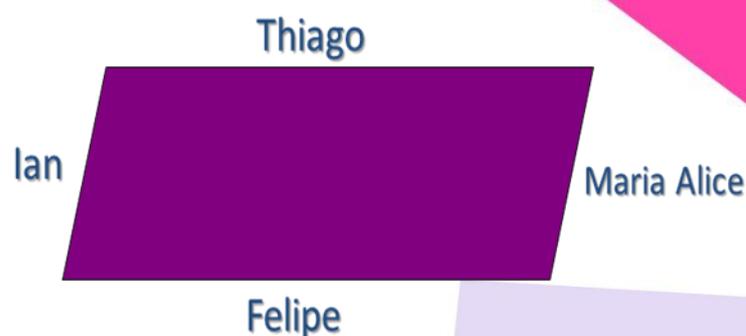


XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

apresentam Dolce e Pompeo (2006, p. 99): “sendo *A, B, C* e *D* quatro pontos de um mesmo plano, todos distintos e três não colineares. Se os segmentos \overline{AB} , \overline{BC} , \overline{CD} e \overline{DA} interceptam-se apenas nas extremidades, a reunião desses quatro segmentos é um quadrilátero”, ou seja, considera-se um quadrilátero a figura que possui quatro pontos de encontro sem que três desses pontos estejam na mesma reta. Lembremos que a reta é uma linha contínua que não apresenta ruptura ou inclinações. Assim, entendemos que o quadrilátero só vai ser formado se uma reta apresentar pontos de encontro com outras retas, ou seja, a junção de quatro retas. Ainda segundo os autores, os quadriláteros estão classificados nos seguintes tipos: **Trapézio;** **Paralelogramo;** **Losango;** **Retângulo;** **Quadrado.**

Escolhemos o paralelogramo para representar a relação, pois entendemos que Ian e Maria Alice encontram-se em linhas paralelas, por se tratar de personagens que se encontram no passado de Thiago. Podemos dizer que Felipe e Thiago estão em posições paralelas por estarem no plano presente da narrativa. Salientamos que para essa representação tomamos os personagens como linhas e não como pontos de encontros, como nas demais figuras. Assim sendo, a figura mencionada representa-se graficamente da seguinte forma:



Quadrilátero do tipo *paralelogramo*, para expressar as relações em *O sol que a chuva apagou*.

Para além dos aspectos quantitativos e das especificidades da classificação dos quadriláteros, essa figura não é suficiente para representar as relações na obra leilliana, tendo em vista que esta é uma figura fechada e possui uma estrutura fixa; enquanto o que se percebe na narrativa é que as relações estão sempre acontecendo ou são trazidas via rememoração. O que notamos diante dessas tentativas de compreender as figuras que surgem através das relações afetivas e sexuais, é que, mesmo as que possuem mais de dois lados, rompendo, portanto, com a estrutura da relação binária e diotômica, como é o caso do quadrilátero, ainda assim tais figuras são fechadas e as relações que somos convidados a conhecer nesta obra apresentam possibilidades de novas ramificações, logo, podemos afirmar que as figuras até então discutidas são insuficientes por encerrar em si mesmas, vetando a possibilidade de novas relações.



EM BUSCA DE UM OBJETO REPRESENTATIVO

Diante do que foi exposto, um objeto geométrico que trazemos nesse espaço para a metaforização é a *espiral* que, de modo comum, pode ser definido como um dos tipos de *curvas planas*. Segundo Veloso (1998, p.168), “De uma maneira geral, e de forma intuitiva, uma espiral em torno de um ponto O é uma curva descrita por um ponto que, simultaneamente, roda em torno de O e se afasta de O”.

Assim, pode-se dizer que a espiral é uma forma geométrica em que há um movimento de um ponto em volta de outro fixo, podendo se afastar ou aproximar do centro, como se vê na seguinte definição apontada por Joaquín de Vargas y Aguirre (1908, p. 424), “Se nombra espiral a una curva, engendrada por el movimiento de un punto, girando al rededor de outro fijo, del cual se separa o aproxima, según una ley determinada”¹.

Notemos que na definição de Vargas y Aguirre são evidenciadas duas formas de espirais – que se aproximam ou se afastam do ponto fixo – na medida em que rodam em torno deste, que podemos chamar de

movimentos centrípetos e centrífugos. Além disso, há um tipo de espiral chamada de espiral 3D em que há dois movimentos coexistentes no mesmo espiral: movimento de rotação e de translação, ou seja, o movimento do ponto em torno de si mesmo e o movimento deste mesmo ponto em torno de um ponto fixo no plano X e Y.

Na matemática é possível encontrar vários tipos de espirais – de Arquimedes, de Galileu, a Espiral Baliani, a Espiral parabólica, por exemplo –, cada uma com sua particularidade de movimento e perspectiva diferente para a construção das curvas. No entanto, há em comum o fato de criarem curvas sem um padrão pré-estabelecido e com crescimentos diferentes.

A espiral que representa as relações presentes em *O sol que a chuva apagou* está em anexo, por uma questão de formatação do texto e nela utilizamos o seguinte padrão: imagens de determinados momentos do desenvolvimento da espiral, para que possamos acompanhar a sua evolução. Ao lado da espiral há uma legenda em que cada personagem está definido por uma cor, assim podemos perceber o momento em que as curvas se tocam, no movimento espiralado. Além disso, marcamos com um ponto preto cada momento em que as personagens se encontravam na linha azul que é referente à

¹ Denomina-se espiral uma curva, engendrada pelo movimento de um ponto, girando ao redor de outro fixo, do qual se separa ou aproxima, de acordo com uma lei determinada (tradução nossa).



personagem que norteia as relações em cada uma das obras.

Em *O sol que a chuva apagou* (2009), chegamos à conclusão de que as personagens que compunham essa relação eram Ian, Thiago, Felipe, a namorada de Felipe e Maria Alice. Em termos de quantidade, teríamos o pentágono, como metáfora suficiente, mas em termos de relações estabelecidas, problematizamos tal figura por entender que a estrutura fechada de tal objeto e os limites que esta nos apresenta a tornaria insuficiente para tal representação. Percebemos, pois, que com algumas personagens a relação é passageira e, por isso, não formam figuras, apenas abalam uma estrutura que está, de certo modo, se fixando. Além disso, não podemos esquecer-nos das fãs da banda que mantêm relações com Felipe. Não temos precisamente a quantidade, nos impossibilitando, assim, de metaforizar tal relação em um objeto geométrico fechado.

Vale à pena trazer à tona o fato de cada personagem se fazer presente de uma forma diferente: Ian, já falecido; Maria Alice, no plano das memórias; a namorada de Felipe e as meninas com as quais ele se relacionou se fazem presente nas lembranças de Thiago e se configuram como pseudo-empecilho para que ele entre de cabeça no “jogo” de Felipe. Diante de tantas variáveis, não era realmente possível que alguma estrutura fechada fosse

suficiente para representar essas relações, sendo, por isso, escolhida a espiral com suas várias possibilidades de curvas e encontros, como sendo propícia para representar a obra de Leilla. Não esqueçamos que na figura da espiral, os relacionamentos passageiros também podem e devem ser incluídos, tendo em vista que tais relações possuem significados e não são postos aleatoriamente no texto, uma vez que podem não formar figuras estáticas e fixas, mas criam revolução, como é próprio da espiral, que pode ser vista em anexo.

Percebamos que essa constante construção da espiral se assemelha à construção, também constante, das relações nas obras de Álex Leilla. Os raios diferentes a cada nova curva podem ser transpostos para as relações que mudam suas configurações, a partir do momento que os sujeitos, com suas características peculiares, mudam e o retorno para o mesmo eixo também nos remete ao fato de as relações não serem estanques e estarem abertas às possibilidades de recomeçar a qualquer momento.

Para esse estudo, um aspecto importante que nos chamou atenção foi a possibilidade de trazer conceitos de outras áreas para os estudos literários. Poder pensar as relações através das metáforas com os objetos geométricos foi um ponto crucial para o desenvolvimento da pesquisa, por nos



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

proporcionar uma visualização do que estava sendo discutido, por poder pensar as relações de formas múltiplas e materializar isso através dos desenhos que emergem das obras que analisamos.

Isso só foi possível devido à fluidez com a qual Álex Leilla apresenta as relações de suas personagens. Assim, os objetos geométricos foram desenhados a partir do que a obra trazia. Dessa forma, comprovamos que para a análise do texto em tela, nenhum objeto geométrico fechado é capaz de representar as relações estabelecidas nos textos de Leilla, pois por mais vértices que tenha a representação geométrica, nenhum dos objetos utilizados permite visualizar as possibilidades múltiplas que os relacionamentos podem ter.

Um aspecto importante para esse tipo de análise foi o de não engessar as relações em uma única figura e, sim, utilizar várias possibilidades de desenhos até que um pudesse nos satisfazer de modo mais eficaz, como foi o caso da espiral tridimensional que, em sua estrutura e nos movimentos de rotação e translação, pudemos perceber as voltas e curvas feitas pela vida, de acordo com as

escolhas feitas pelos sujeitos e pelas experiências vivenciadas pelos mesmos.

REFERÊNCIAS

- DOLCE, Osvaldo; POMPEO, José Nicolau. *Fundamentos da matemática elementar: geometria plana: 41 exercícios propostos com resposta*. 8. ed. São Paulo: Atual, 2006.
- KOTHE, Flávio R. *O cânone imperial*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- LEILLA, Álex. *O sol que a chuva apagou*. Salvador: P55 Edições, 2009.
- VARGAS Y AGUIRRE, Joaquín. *Catálogo general de curvas*. Madrid: Imprenta de la "Gaceta de Madrid", 1908.
- VELOSO, Eduardo. *Geometria, Temas Actuais*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional (Grafis, CRL), 1998.



ANEXO 1 – Figura da espiral representando as relações em *O sol que a chuva apagou* (2009)

